Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões
ISSN 2358-3037

O método de ensino-aprendizagem de Paulo Freire à luz do ensinamento de Jesus Cristo

Paulo Freire's teaching-learning method in the light of the teaching of Jesus Christ

Alessandro Barreto da Silva[1]
Edmara Ferreira de Lima[1]
Rita Maria Gomes[2]

Resumo: O presente artigo aborda a questão do método de ensino-aprendizagem pela aproximação do pensamento de Paulo Freire ao ensinamento e ação de Jesus. A metodologia adotada foi a análise bibliográfica de duas obras de Freire e alguns relatos neotestamentários nos quais se percebe o método de ensino de Jesus. Conscientes da existência de lacunas, o método atende ao objetivo deste texto que visa a defesa de que a construção de uma sociedade justa e fraterna passa necessariamente pela educação formadora de sujeitos e não de objetos. Para tal, segue-se os seguintes passos: apresentação da sociedade brasileira no período em que Freire escreve suas obras; explanação da sociedade palestina no tempo de Jesus e uma exposição da pedagogia libertadora. Conclui-se que há

Recebido em 18 de agosto de 2025
Aceito 21 de setembro de 2026

[1] Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Bolsista CAPES – PROSUC. E-mail: alessandro.00000854283@unicap.br
[1] Mestranda em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Bolsista CAPES – PROSUC. E-mail: edmara.2021180297@unicap.br
[2] Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: rita.gomes@unicap.br

uma tarefa a ser executada, pois teoricamente o tema está posto, faltando a elaboração de estratégias para a execução de uma educação para a liberdade superando o modelo bancário.

Palavras-chave: Educação. Ensino. Método. Paulo Freire. Jesus.

Abstract: This article addresses the issue of the teaching-learning method by bringing Paulo Freire's thinking closer to the teaching and action of Jesus. The methodology adopted was a bibliographical analysis of two of Freire's works and some New Testament accounts in which Jesus' teaching method can be seen. Aware of the existence of gaps, the method meets the objective of this text, which aims to defend the idea that the construction of a just and fraternal society necessarily involves education that forms subjects and not objects. To this end, the following steps are followed: a presentation of Brazilian society at the time Freire wrote his works; an explanation of Palestinian society at the time of Jesus and an exposition of liberating pedagogy. The conclusion is that there is a task to be carried out, because theoretically the topic is set, but there is a lack of strategies for implementing an education for freedom that overcomes the banking model.

Keywords: Education. Teaching. Method. Paulo Freire. Jesus.

Introdução

Paulo Freire, conceituado educador pernambucano, desenvolveu estudos e técnicas de ensino-aprendizagem para a alfabetização de adultos que levam a pessoa à conscientização e à criticidade para mudar sua realidade sem entrar no comodismo e ajustamento impostos pela sociedade. Suas obras revelam a grandeza de sua contribuição para a educação não só no Brasil, mas para o mundo inteiro. A visão de mundo de Freire encanta e motiva para a ação. Sua obra continua presente e atual. Gera esperança e amor pela vida. Educação geradora de vida.

No entanto, faz-se necessário reconhecer que a sociedade continua apresentando muitas das características apontadas por ele ao escrever as obras "Educação para a liberdade" e "Pedagogia do oprimido". Isso se torna compreensível quando se constata que a educação bancária na qual o educador que entrega um conteúdo pronto a um educando que apenas recebe sem reflexão nem confronto com sua própria experiência continua não apenas presente, mas sendo a metodologia hegemônica. A educação libertadora com a qual Paulo Freire sonhava e que, muito antes dele, foi inaugurada por Jesus em seu modo de ensinar nos povoados e caminhos da Galileia encontram, ainda hoje, elites sempre prontas a desqualificá-las por atrapalhar seus interesses.

Por isso, volta-se a refletir sobre o tema de um método de ensino-aprendizagem que vá além do conteudismo marcante que não constrói sujeitos e sim massa facilmente manobrável, fácil de oprimir e, ainda assim, capaz de defender seus algozes. Como o anúncio do evangelho necessita ser feito a cada nova geração, assim também a defesa de uma educação libertadora que torne possível uma vida em sociedades justas e igualitárias. Para tanto, revisita-se Paulo Freire e o testemunho do ensino-ação de Jesus, buscando suas aproximações, partindo da compreensão da estrutura social da época de cada um deles.

1. A estrutura social no Brasil de Paulo Freire

Paulo Freire, na obra "Educação como prática da liberdade", apresenta um panorama do contexto social brasileiro para ressaltar a deficiência da educação, pois ela não era uma prática libertadora e sim um meio de massificação e silenciamento da população,

principalmente dos marginalizados da sociedade. A situação social na qual o ser humano está inserido dificulta ou torna inexistente uma educação para a liberdade. O autor aborda as relações humanas em sua singularidade, nos aspectos de sua pluralidade, criticidade, transcendência e reflexão que lhes são próprias.

Isso significa que Freire via o ser humano reduzido à condição de "massa" dentro da sociedade brasileira em transição, mas sem o resultado esperado, pois não chegou a efetiva revolução e libertação democrática. Uma sociedade na qual uma pequena elite comandava a base da população em nome de um protecionismo, de uma generosidade. Uma sociedade fechada na qual as elites "salvadoras" não dialogavam com a população e lhes impunham o que devia ser e viver.

Lutar por uma educação para a libertação do ser humano é "superar os fatores que o fazem acomodado e ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre sendo feita – e isso é o mais doloroso – em nome de sua própria liberdade"[1]. A pessoa, imersa na acomodação e ajustamento, já não é considerada sujeito, e sim objeto. Por isso, faz-se necessária uma reação crítica para superar tal situação e responder as questões próprias do tempo e da história.

As mudanças sociais em transição de uma época para outra exigem abertura e flexibilidade para a chegada de novos temas e desafios a serem resolvidos. A sociedade brasileira viveu a passagem de uma época para outra, mas apresentou características de uma sociedade fechada no período da ditadura militar. Freire percebeu que se apresentava naquele momento

> Todos os temas e todas as tarefas características de uma "sociedade fechada". [...] alienação cultural. [...] Elites distanciadas do povo. Povo "imerso" no processo, inexistente enquanto capaz de decidir e a quem correspondia a tarefa de quase não ter tarefa. De estar sempre *sob*. Nenhuma vinculação dialogal entre estas elites e estas massas, para quem ter tarefa corresponderia somente seguir e obedecer.[2]

Portanto, percebe-se que a sociedade se tornou fechada e reflexa. Como promover libertação se a própria estrutura social faz do humano um objeto de massificação, sem voz e sem vez? Como promover criticidade se a educação não vem em primeiro lugar? Pode-se seguir ouvindo Freire em sua apresentação da sociedade brasileira no momento de transição da época. Ele nos diz que a sociedade

[1] FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. 24. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000, p. 51.
[2] FREIRE, 2000, p. 55.

brasileira estava alienada de seu centro de decisão econômica. Portanto, a

> Sociedade reflexa na sua economia. Reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidialogal [...]. Com alarmantes índices de analfabetismo [...]. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ele integrada[3].

O momento de transição passou e as forças que sustentavam o equilíbrio da "sociedade fechada" rachou. Em consequência, houve a divisão dos humanos e das instituições em dois grupos atualmente conhecidos por reacionários e progressistas. Os reacionários são os que preferiram a sectarização e são caracterizados por uma

> [...] matriz preponderantemente emocional e acrítica. É arrogante, antidialogal e por isso anticomunicativa. [...] Daí seu gosto pela sloganização, que dificilmente ultrapassa a esfera dos mitos, e por isso mesmo, morrendo nas meias verdades, nutre-se do puramente "relativo a que atribui valor absoluto[4].

Aos progressistas a opção foi tornar-se radicais. Radicais no sentido de ser crítico e não expectador do processo de silenciamento de sua humanidade. Usar a racionalidade a seu favor para superar ameaças, ódios e fanatismos. O embrutecimento de um ódio irracional e emocional que não constroem relações e conhecimento, mas gera somente pessimismo e desesperança.

A educação leva o ser humano ao conhecimento de si e do mundo que o rodeia e ao qual pertence. Quando o povo entra na dinâmica da tomada de consciência, torna-se ameaça ao sistema estabelecido. A elite brasileira, no período da ditadura, preferia o assistencialismo que roubava da pessoa sua liberdade e seu senso de responsabilidade. Será que mudou?

Freire compreendia que a humanização do ser humano, nesse período de transição da sociedade brasileira, só poderia ser realizada por uma educação que "haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão de si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição"[5]. Era necessário dar a possibilidade da reflexão de seu próprio ser e agir proporcionando assim seu posicionamento na sociedade e sua tomada de decisão.

---

3 FREIRE, 2000, p. 56-57.
4 FREIRE, 2000, p. 59.
5 FREIRE, 2000, p. 67.

2. A estrutura social na Palestina de Jesus

Após breve apresentação da sociedade brasileira no tempo de Paulo Freire, agora é o momento de conhecer um pouco a realidade da Palestina no tempo de Jesus para, em seguida, buscar identificar pontos de contato entre o método de ensino-aprendizagem de Paulo Freire e o ensinamento de Jesus Cristo.

Faz-se necessário observar os aspectos sociais que definem o modo de ser e de agir das representatividades legais que governam o povo, pois isso ajuda a compreender as suas práticas, se levam à libertação e à autonomia da população ou se a oprime e manipula.

No tempo de Jesus, a sociedade judaica estava sob a dominação romana e seus representantes estavam sob suas ordens desde o ano 6 d.C. Apesar da autonomia dos sacerdotes e do Sinédrio em relação ao culto, o procurador romano que era responsável pela região tinha a função da administração da justiça, da coleta dos impostos e da manutenção da ordem pública. Pôncio Pilatos (26-36 d.C), o procurador romano em exercício no tempo de Jesus,

> Não tinha nenhum respeito pelo sentimento religioso dos judeus. Fez entrar em Jerusalém insígnias romanas trazendo a imagem do imperador, e somente quando os judeus declararam preferir morrer a transgredir a Lei, deu ordens para tirar da cidade as insígnias. Pilatos sufocava no nascedouro com violência qualquer início de reação[6].

A população judaica era maltratada e espoliada pelo Império Romano. Muitos viviam na miséria pois não tinham como se sustentar e pagar as taxas impostas. Eram constantes as rebeliões e revoltas devido a essa situação, mas prontamente sufocadas. Assim, identifica-se, no contexto apresentado, o que Freire chama de sociedade reflexa. Sociedade que não é respeitada em sua cultura, em sua religiosidade, na qual o dominador, a elite vinda de fora, dita o modo de viver, os costumes e a economia.

Na sociedade judaica se experimenta o tipo de relação que Freire denominou antidialogal na relação estabelecida entre os representantes e sua população. Importa ainda salientar que a elite judaica estava alinhada com o dominador externo que era o Império Romano. Pode-se dizer que era uma dominação em nível duplo, pois era exercida tanto pelo dominador externo quanto pelo interno.

---

[6] BOSCOLO, Gastone. *A Bíblia na História*: introdução geral à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 2021, p. 114-115.

As necessidades da população não eram sequer escutadas, ao contrário, viviam uma realidade geradora de morte. As pessoas eram tratadas como objeto. Só serviam para gerar lucros com o quase nada que possuíam e que era entregue a título de impostos para não morrerem nas mãos dos dominadores. Podiam não morrer diretamente em seu corpo pela espada ou outro instrumento, mas eram mortas em sua dignidade de pessoa humana, em sua humanidade e liberdade.

Outra realidade presente na sociedade judaica no tempo de Jesus era a fragmentação da população em movimentos e partidos religiosos que as narrativas dos evangelhos revelam cada vez que aparecem discutindo com Jesus. Os representantes de alguns desses movimentos questionam os ensinamentos e práticas de Jesus. São eles: os fariseus, os saduceus, os escribas. Além destes, existiam ainda os seguintes grupos: zelotes, essênios e samaritanos. Fazer essa distinção entre os grupos religiosos que formavam o judaísmo do tempo de Jesus é primordial para conhecermos a dinâmica de dominação/opressão infringida ao povo pela elite desse mesmo povo em clara anuência ao modo de dominação romana. Por isso, apresenta-se brevemente cada grupo em sua peculiaridade buscando a compreensão da estrutura social na qual Jesus viveu e atuou como mestre e educador para a liberdade.

O primeiro deles é dos fariseus. Este grupo era considerado a corrente mais importante. Era composta por pessoas que hoje seriam identificadas como leigos. "A denominação fariseus (= separados) foi-lhes dada pelo fato de se manterem à distância do ambiente circunstante para evitar o contato com qualquer impureza"[7]. Eram observantes da Lei oral e escrita. Observavam escrupulosamente as prescrições de pureza cultual e eram hostis aos publicanos, pecadores e aos romanos. Ficaram conhecidos como aqueles membros do judaísmo que gostavam da admiração popular e sua forma de viver não condizia com aquilo que pregavam, pois, nos evangelhos, Jesus os repreendia por sua hipocrisia. No entanto, deve-se considerar que nem todo fariseu era hipócrita. O grupo de Jesus, certamente, era oriundo do grupo dos fariseus, pois acreditavam na ressurreição.

Como ramificações desse grupo, encontram-se o dos escribas e o dos zelotes. Isso significa que do ponto de vista teológico ou religioso eram movidos pelas convicções do grupo dos fariseus, mas se distanciavam um pouco quando o assunto era a relação com o aspecto da política externa. Jesus tem embates com os escribas, conforme atestam os evangelhos.

---

[7] BOSCOLO, 2021, p. 126.

Os escribas também conhecidos como mestres ou doutores a Lei, eram responsáveis por conservar a tradição e explicar a Escritura. "Estudavam a Lei de Moisés, discutiam a sua interpretação, conheciam a tradição oral e a punham em justa relação com a Lei escrita"[8]. Além de resolver questões teológicas também deviam resolver questões jurídicas.

O grupo dos saduceus era o antagonista dos fariseus e só aceitavam a lei escrita, portanto, a Torah. Seu nome vem de Sadoc, o sumo sacerdote no tempo de Salomão. Era o grupo composto por sacerdotes e membros das famílias nobres e ricas da Judeia, portanto, a elite do povo judaico estava aí concentrada. Detinham o poder político, econômico e religioso. Eram passivos diante dos dominadores para garantir seus privilégios. Como antagonistas dos fariseus divergiam em questões teológicas, entre as quais destacamos a negação da ressurreição dos mortos[9]. Jesus também discutiu com os saduceus. Jesus com seu ensinamento de amor e misericórdia coloca em risco a posição política dos saduceus. Rapidamente propuseram a eliminação de Jesus no sinédrio (Jo 11,47-52).

Além dos grupos com os quais Jesus teve embates claros, pois formavam uma elite opressora dos seus irmãos, existem ainda outros grupos distintos na sociedade judaica. Embora não tenhamos relatos que testemunhem uma relação de Jesus com eles, a mera existência desses grupos revela como a população judaica se posicionou frente aos seus opressores, internos e externos.

O mais destacados desses grupos é dos zelotes. Eles formavam o grupo mais extremista, oriundo também do grupo dos fariseus. Eram a ala mais "zelosa" desse grupo. O nome "zelotes" significa "zelantes, fanáticos"[10]. Não aceitavam a autoridade romana sobre a Palestina. Recusava-se a se submeter ao jugo do imperador romano. Queria interferir no curso da história antecipando as transformações messiânicas que os fariseus esperavam para a vida futura. Eles foram notados e conhecidos como violentos e que provocavam atentados e revoltas, devido a um subgrupo identificados com o nome de sicários[11]. No grupo dos discípulos de Jesus havia um deles, Simão, o zelota. Os romanos os consideravam bandidos e reagiam com dureza e severidade às suas revoltas.

---

8 BOSCOLO, 2021, p. 127.

9 BOSCOLO, 2021, p. 130.

10 DENOVA, Rebecca. Zelotas. Traduzido por Pedro Lerbach. *World History Encyclopedia*, 10 fev 2022. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Zealots/. Web. Acesso em 30 jun 2025.

11 DENOVA, 2022.

Os essênios proviam dos saduceus, mas se separaram por questões religiosas. Foram para o deserto em busca de purificação e santificação pessoal. Aguardavam a vinda do Messias. Viviam em comunidade e se ocupavam de trabalho artesanal e agrícola, do estudo das Sagradas Escrituras e da oração. Como vivam apartados, não se encontram, nos evangelhos, relatos de polêmicas ou discussões com Jesus. Também não há qualquer indício de oposição prática contra os dominadores.

Os samaritanos formavam o grupo à parte, pois provinham da Samaria, de onde lhes vem o nome. Os judeus nutriam um ódio pelos samaritanos por motivo de questões de pureza de raça durante a volta do exílio da Babilônia, pois foram excluídos do povo devido aos casamentos mistos que haviam contraído no período do exílio. "Os samaritanos eram convictos monoteístas, viviam à espera do Messias que acabaria com a segregação racial, restaurando a unidade do povo de Israel (Jo 4,19-26)"[12]. Jesus conquistou a amizade dos samaritanos. Buscou proximidade com a mulher samaritana (Jo 4) e na parábola do homem ferido por assaltantes elogiou e apresentou o samaritano que prestou ajuda ao ferido como exemplo aos judeus (Lc 10,30-37).

A pluralidade e complexidade da sociedade judaica apresentada nos grupos citados acima mostra como a população, entregue à sua própria sorte, foi se posicionando frente à opressão sofrida tanto pelo dominador externo quanto pelos opressores internos representados nos grupos da elite judaica. Gente simples, pescadores, agricultores, pastores de rebanhos tentando sobreviver, buscando superar uma situação de ajustamento e acomodação como nos diz Freire, pois, sem voz e sem vez, era manipulada e tornava-se objeto.

Com isso, entende-se melhor a atuação de Jesus em seus ensinamentos por palavras e atos. Entende-se também por que sua metodologia de ensino-aprendizagem e sua prática libertadora incomodou a tantos.

3. Uma pedagogia libertadora: Paulo Freire e Jesus

A obra mais conhecida de Paulo Freire é a "Pedagogia do Oprimido" que aprofunda os temas tratados na obra Educação como prática da liberdade. Nela, afirma que a desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, e, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser

[12] BOSCOLO, 2021, p. 131.

humano de ser mais. É a partir dela que se reflete aqui o tema do método de ensino-aprendizagem que seja realmente libertador.

A relação opressor–oprimidos se caracteriza de várias formas. "Os opressores, falsamente generosos, para que a sua "generosidade" possa continuar, têm necessidade da permanência da injustiça"[13]. Oprimidos ajustados e acomodados são dependentes de um sistema de opressão que os fazem reféns da própria situação imposta.

A opressão também rouba a liberdade. Ter liberdade gera tensão e medo. Oprimidos sem consciência acabam aderindo ao opressor, admiram sua imagem, suas ações, suas palavras. Assim, quando pensam que estão livres, estão repetindo os comportamentos do opressor e, desse modo, oprimem aos outros oprimidos. O círculo vicioso se perpetua. Ora, isso foi verificado nas sociedades brasileira e judaica nos períodos analisados acima.

Para Freire, a educação tem que ser um processo de construção que não pode ser elaborado, desenvolvido pelo opressor, mas é uma relação de diálogo que caracteriza a reflexão e a ação que se complementam. Então, a expressão "pedagogia do oprimido" busca designar um tipo de pedagogia.

> Aquela que tem de ser forjada com ele e para ele, enquanto homens ou povos na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará[14].

A razão e a crítica gerada pela reflexão levarão à *práxis* que transformará a vida e a realidade dos oprimidos. O desafio é a superação de uma estrutura opressora que apresenta os oprimidos como incapazes diante do saber e sempre necessitados dos opressores para viver. Características como conquista, manipulação, a divisão para manter a opressão e invasão cultural estão na base da estrutura antidialógica.

A verdadeira revolução só acontece pela educação que proporciona problematizar os desafios da vida, do cotidiano e a resolvê-los. Freire critica a chamada "educação bancária" na qual os educadores apresentam seus conteúdos programáticos de ensino já prontos e despejam em seus educandos como se fossem recipientes, depósitos que os recebem passivamente. Não há troca de experiências, não há diálogo e nem construção de conhecimento. É

---

[13] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011, p. 41.
[14] FREIRE, 2011, p. 43.

um modelo de educação que não promove conscientização, engajamento e libertação.

Diante de tal estrutura fazer os educandos pensarem é um grande perigo. É perder o controle de uma situação opressora também no sistema de formação e educação do ser humano. Uma educação que promova o confronto com a realidade partindo de suas necessidades básicas, é o fundamento da educação libertadora. A quantos adultos o sistema educacional de Freire devolveu a liberdade roubada pela estrutura opressora da sociedade que cedo tirou do cidadão e da cidadã a oportunidade de estudar, pois precisava trabalhar para sustentar a si e sua família?

3.1. O pensamento pedagógico de Paulo Freire e o modelo de ensino de Jesus de Nazaré

O diálogo é a chave de leitura do mundo proposta por Freire. O diálogo gera relação, encontro. Enquanto o eu antidialógico insiste em dominar e controlar o outro, o tu,

> [...] o eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não eu -, esse tu que o constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu[15].

O encontro do eu com o tu constrói colaboração. A ação dialógica apresentada por Freire retira os oprimidos da situação de manipulação, de dominação realizada pelos opressores e leva-os à conscientização, organização e a serem quem realmente são: sujeitos. É a partir desse ponto que refletimos a relação entre Paulo Freire e Jesus. O diálogo entre o pensamento pedagógico de Paulo Freire e o modelo de ensino de Jesus Cristo revela surpreendentes pontos de convergência, especialmente quando se observa a prática docente de ambos à luz do compromisso com o ser humano, a transformação social e a construção do saber por meio da vivência concreta. Jesus, chamado de Mestre por discípulos, opositores e o povo em geral, não apenas ensinava, mas encarnava a mensagem que transmitia. Sua pedagogia pode ser lida como um paradigma libertador que ecoa os fundamentos do método freiriano.

Freire defende uma educação dialógica, crítica e amorosa. Em sua concepção, o verdadeiro educador não impõe conteúdos, mas caminha junto com o educando na construção do conhecimento. Essa

[15] FREIRE, 2011, p. 227.

relação horizontal se fundamenta no respeito, na escuta ativa e na valorização das experiências vividas pelos aprendentes. De modo semelhante, Jesus não era um mestre distante, mas alguém que se colocava entre os seus, compartilhando a vida, as dores e as limitações dos seus discípulos. Ensinava com autoridade (Mt 7,28-29), mas com empatia (Jo 11,35; Mt 9,36), amor (Jo 13,1) e simplicidade (Mc 4,2), características essenciais da pedagogia libertadora. Freire comenta que "sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação"[16]. Jesus se aproxima e ensina com amor. Devolve a dignidade da pessoa, sua humanidade pela palavra e pela ação.

A centralidade da experiência concreta no processo de aprendizagem em Freire é reflexo de Jesus, que usava elementos do cotidiano — como sementes, moedas, pescas, crianças e rebanhos — para ilustrar as verdades do Reino. As parábolas são, nesse sentido, verdadeiras "codificações" da realidade, expressão cara à pedagogia freiriana. Elas não visavam apenas informar, mas provocar reflexão, decisão e ação. Jesus não doutrinava; Ele despertava a consciência.

Outro ponto de contato é a coerência entre o discurso e a prática. Para Freire, não se educa com palavras vazias, mas com o testemunho de vida. Jesus ensinava pelo exemplo (Jo 13,15). Ao lavar os pés dos discípulos, ao perdoar pecadores, ao orar, Ele vivia aquilo que pregava[17]. Seu ensino não se limitava a um conteúdo verbal, mas era performativo, transformador, encarnado. Isso remete diretamente à crítica freiriana da "educação bancária", onde o professor deposita conteúdos prontos no aluno. Para Jesus e Freire, ensinar é um ato ético e existencial.

Também é notável a visão do outro como sujeito. Freire sempre insistiu que o educando é sujeito do processo educativo, não um objeto a ser manipulado. Jesus demonstrava profundo conhecimento e respeito por seus discípulos, mesmo conhecendo suas fraquezas (Jo 2,24-25), moldava-os com amor e paciência. Ele reconhecia o que havia de bom em cada um (Jo 1,47), e, assim como Freire, acreditava na possibilidade de transformação do ser humano.

Por fim, a autoridade pedagógica em ambos não é autoritarismo, mas uma autoridade que nasce da coerência, do amor e do serviço. Jesus era reconhecido como Mestre porque falava com autoridade oriunda do Espírito (Lc 4,18-21) e de sua vida íntegra. "O

---

[16] FREIRE, 2011, p. 110.

[17] PFEIFFER, Charles F.; REA, John; VOS, Howard F. (Eds.) *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

ensino e a ação de Jesus geram reações diferentes nas pessoas"[18]. Jesus, diferente das elites dominadoras, aproxima-se das massas. Freire também nos lembra que a autoridade verdadeira é conquistada, não imposta, e se constrói no respeito mútuo entre educador e educando.

Assim, à luz da prática pedagógica de Jesus, compreende-se que o método de ensino-aprendizagem proposto por Paulo Freire não é apenas compatível com os valores do Evangelho, mas pode ser uma expressão contemporânea da pedagogia do Reino: libertadora, dialógica, transformadora e centrada na dignidade humana. Jesus foi, por excelência, o Mestre que ensinou com a vida, e Freire nos ensina a ensinar com o compromisso pela vida.

3.2. Jesus e Freire como paradigmas da educação libertadora

À luz da pedagogia libertadora de Freire, é possível reconhecer na prática educativa de Jesus de Nazaré uma profunda coerência com os princípios de um ensino dialógico, humanizador e crítico. Segundo Gangel[19], nos relatos evangélicos, observa-se que, "das cerca de noventa vezes em que pessoas se dirigiram a Ele, sessenta utilizaram o termo Mestre (*didáskalos*)", o que revela o reconhecimento social de sua identidade como educador. Sua missão histórica esteve intensamente marcada pelo ato de ensinar, conforme indicam os textos de Mateus 4,23 e 9,35, bem como Lucas 20,1.

Jesus exercia sua prática pedagógica libertadora em múltiplos espaços sociais: sinagogas, casas, templos, aldeias, cidades e em encontros informais ao longo do caminho. Essa inerência revela uma proposta educativa contextualizada, que considera os sujeitos e suas realidades concretas, o que Freire chamaria de "educação situada". Seu ensino não era restrito a instituições formais, mas perpassava o cotidiano e emergia do encontro com o outro, o "eu e o tu".

O reconhecimento de sua autoridade como educador partiu de diferentes grupos sociais: desde cobradores de impostos e autoridades religiosas, até discípulos, excluídos e mulheres — entre eles, Maria Madalena. Tal abrangência reflete o caráter inclusivo de seu magistério, centrado na dignificação do ser humano[20].

Como verdadeiro mestre, Jesus amava seus educandos (Jo 13,1), dominava profundamente o conteúdo que transmitia (Lc

---

[18] GOMES, Rita Maria. *Jesus, quem é?*: o messias diferente. São Paulo: Edições Loyola, 2023, p. 40.
[19] GANGEL, Kenneth et al. *Manual de ensino para o educador cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 4.
[20] PFEIFFER, 2009.

24,27,44), conhecia seus interlocutores de modo singular (Lc 22,32; Jo 2,24-25) e valorizava neles as sementes do bem (Jo 1,47). Trata-se de uma prática pedagógica que, conforme Freire, se funda no respeito ao educando enquanto sujeito do processo, na amorosidade como motor da relação pedagógica e na esperança como horizonte transformador.

Na perspectiva da pedagogia libertadora, a autoridade do educador não se impõe, mas se conquista pela coerência entre a palavra e a prática. É nesse sentido que o ensino de Jesus de Nazaré se distingue notavelmente dos discursos dos escribas e fariseus: sua autoridade não era meramente institucional ou retórica, mas emergia de sua vivência encarnada daquilo que ensinava (Mt 7,28-29; Mc 1,21-22; Jo 7,46).

Essa autoridade pedagógica também se fundamentava na presença do Espírito Santo, que repousava sobre Ele (Lc 3,22; 4,18-21; At 10,38). Em chave freiriana, poderíamos compreender essa dimensão espiritual como o "sopro" que anima e dinamiza a *práxis* educativa, conferindo-lhe sentido, ousadia e compaixão.

Jesus não apenas reconheceu a necessidade desse poder para si, mas também ensinou a seus seguidores que a prática educativa — especialmente aquela comprometida com a libertação dos oprimidos — deve ser nutrida por uma força que transcenda o mero saber técnico. Por isso, exortou os discípulos a permanecerem em Jerusalém até que fossem "revestidos de poder do alto" (Lc 24,49; At 1,8), sinalizando que o verdadeiro ensino transforma quando brota da convergência entre o saber, o ser e o Espírito.

No horizonte da pedagogia crítica, onde o educador é também aprendiz e a palavra é inseparável da ação, encontramos em Jesus de Nazaré um Mestre por excelência — não apenas por seu conteúdo, mas por sua coerência existencial. Ele não ensinava como quem "deposita informações", mas como quem "encarna a lição". Sua prática educativa era dialógica e testemunhal, revelando que o saber verdadeiro emerge da vivência.

Nesse sentido, a coerência entre palavra e prática é um princípio ético-pedagógico essencial. O verdadeiro educador ensina prioritariamente por meio de sua vida. A pedagogia do exemplo é o que dá legitimidade à fala; sem ela, as palavras se tornam ocas, desprovidas de força transformadora (1Cor 9,27). Como bem sintetiza o testemunho apostólico: Jesus "começou a fazer e a ensinar" (At 1,1), revelando que a *práxis* antecede o discurso e que o ensinar é, antes de tudo, um ato de ser no mundo.

No caminho de uma educação comprometida com a dignidade humana e a transformação da realidade, Jesus de Nazaré emerge como um Mestre no sentido mais pleno e radical do termo. Não foi o

título de "Mestre" um artifício imposto institucionalmente, mas um reconhecimento espontâneo daqueles que com Ele dialogavam e aprendiam. O próprio Jesus reconhece essa identidade pedagógica ao afirmar: "Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou" (Jo 13,13).

Grande parte do ministério de Jesus foi dedicada ao ato de ensinar, não como quem transmite conteúdos prontos, mas como quem convida ao pensamento, à escuta e ao discernimento crítico das realidades do Reino de Deus (Lc 8,1; 9.11; At 1,3). E é sempre oportuno relembrar que a expressão Reino de Deus ou Reino dos Céus significa "Deus reina", ou seja, a vontade de Deus se faz na vida humana. Paulo já dizia que "O reino de Deus não é comida nem bebida, é justiça e paz" (Rm 14,17-22). Mas, onde há justiça e paz há comida, bebida, vestimentas etc.

O(a) educador(a) é convocado(a) a assumir postura semelhante à de Jesus: não basta conhecer o conteúdo, é preciso fazer-se um com ele. O compromisso com a formação exige mergulho profundo na escuta, na meditação e na prática. Educar, aqui, é ato de serviço, é *práxis* libertadora, é semear vida em terreno fecundo.

3.3. O ensino de Jesus versus o ensino de Freire: uma pedagogia da empatia

No horizonte de uma educação verdadeiramente humanizadora, como propunha Freire, o processo de ensinar exige escuta sensível, diálogo autêntico e compromisso com o outro em sua inteireza. É nesse espírito que o ensino de Jesus se revela como prática radicalmente empática. Ele conhecia o coração humano — não de modo genérico ou distante, mas com proximidade e afetividade transformadora: "porque a todos conhecia" (Jo 2,24,25).

O Mestre da Galileia não se colocava acima de seus discípulos como um detentor absoluto de saber, mas descia ao chão de suas dúvidas, fragilidades e contradições, acolhendo-as como ponto de partida para a construção do conhecimento e da maturidade espiritual (Mt 14,31; Lc 24,25-33). Sua empatia o fazia chorar com os que choravam (Jo 11,35), ter compaixão dos sofrimentos humanos (Mt 9,36; Lc 7,13) e agir com ternura diante da limitação dos seus interlocutores[21].

Essa pedagogia sensível e inclusiva é imprescindível também no contexto da educação contemporânea. O(a) educador(a) é chamado(a) a conhecer seus alunos em sua diversidade de

[21] STAMPS, Donald C. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

experiências, inquietações e ritmos de aprendizagem. Para Stamps, "haverá os que, como Tomé, precisarão tocar para crer (Jo 20,25); os que, como Pedro, oscilam entre a fé e a impulsividade (Mt 16,17,22); os que questionam, como Natanael (Jo 1,45,46); e os impetuosos como Tiago e João (Lc 9,54)"[22]. A resposta pedagógica precisa ser acolhedora, paciente e compassiva (Rm 12,15; Gl 4,19), como a de uma mãe que forma seus filhos na ternura e no cuidado (1Ts 2.7).

A pedagogia de Jesus também se caracteriza por uma linguagem acessível, descomplicada e profundamente conectada com o cotidiano das pessoas. Suas palavras, longe de estarem encerradas em jargões religiosos ou concepções eruditas, eram ditas com simplicidade e beleza, alcançando a mente e o coração dos ouvintes. Ele fazia uso das parábolas — narrativas extraídas da vida comum, como plantar, perder uma moeda ou cuidar de ovelhas — para revelar verdades profundas (Mt 13,3; Lc 15,1-10).

Essa prática dialoga diretamente com a concepção freiriana de que o educador não deve "depositar" saberes prontos no educando, mas ajudá-lo a ler o mundo a partir da sua própria realidade. Assim fazia Jesus, ao utilizar recursos próximos, como uma criança (Mt 18,2), uma moeda (Mc 12,15), ou uma rede de pescar (Lc 5,4), para despertar consciência, provocar reflexão e gerar transformação.

A missão do(a) educador(a), portanto, não é complicar o ensino com discursos inacessíveis, mas tornar sua mensagem compreensível e significativa (Ne 8,8). Ensinar com simplicidade é mais do que uma técnica didática — é uma escolha ética que revela compromisso com o(a) aprendiz e com a própria essência do Reino de Deus (1Cor 2,1,2).

Jesus no resgate da humanização da pessoa pede outro elemento que encontramos na prática de Freire, em sua teoria da ação dialógica que é a colaboração. Jesus dialoga, mas pede também uma ação. Aos grupo dos primeiros discípulos chama-os ao seu seguimento (Mc 1,16-17). Ao homem da mão atrofiada pede que venha para o meio da sinagoga para ser curado (Mc 3,3), ao endemoninhado geraseno após sua cura que volte para casa para anunciar o que o Senhor fizera em seu favor (Mc 5,19-20). Como Freire afirma "a adesão verdadeira é a coincidência livre de opções. Não pode verificar-se a não ser na intercomunicação dos homens, mediatizados pela realidade"[23].

E um último ponto que pode ser destacado na prática freiriana da ação dialógica é a união. Freire afirmava que na teoria dialógica, "a liderança se obriga ao esforço incansável da união dos oprimidos entre si, e deles com ela, para a libertação"[24]. Jesus incomodou os

[22] STAMPS, 1997.
[23] FREIRE, 2011, p. 228.
[24] FREIRE, 2011, p. 234.

poderosos de seu tempo por sua simplicidade, sua proximidade com a população, seu olhar atento às necessidades e sua união. Jesus andava no meio do povo, estava com as pessoas. As autoridades viam em suas ações uma ameaça aos seus privilégios e seu poder, mantidos mediante a manipulação das massas. Jesus pregava igualdade e paz. Igualdade para dar ao povo massificado uma libertação verdadeira e consciente de seu papel de sujeito e de paz que supera toda a violência e morte gerada por uma elite que não tem amor pelo seu semelhante.

Considerações finais

A análise do método de educação como prática da liberdade em Paulo Freire, em diálogo com o modelo pedagógico de Jesus de Nazaré, revela uma profunda convergência entre ambos no que diz respeito à humanização, à crítica das estruturas opressoras e à construção de uma educação dialógica e transformadora. Freire, ao defender uma pedagogia que liberta o oprimido da condição de objeto para a de sujeito de sua própria história, ecoa os princípios do ensinamento de Jesus, que, em seu ministério, rompeu com a lógica de dominação e valorizou a dignidade dos marginalizados.

Jesus, reconhecido como Mestre, não apenas ensinou com palavras, mas encarnou uma pedagogia do encontro, baseada no amor, no diálogo e na ação concreta. Sua metodologia – marcada por parábolas que partiam da realidade cotidiana, pelo acolhimento aos excluídos e pela denúncia das elites religiosas opressoras – assemelha-se à proposta freiriana de uma educação problematizadora, que questiona as injustiças e promove a autonomia. Ambos rejeitaram a "educação bancária": Jesus confrontou a doutrina farisaica, que impunha leis sem reflexão, assim como Freire criticou o ensino tradicional que silenciava os educandos.

Além disso, tanto Freire quanto Jesus entenderam que a verdadeira educação exige *práxis* – a união indissociável entre reflexão e ação. Jesus não se limitou a pregar o Reino de Deus; curou, alimentou, libertou e, acima de tudo, amou. Da mesma forma, Freire insistiu que a conscientização só se completa quando o oprimido assume seu papel na transformação da realidade. A pedagogia de ambos é, portanto, emancipatória, pois restaura a voz dos silenciados e os capacita a serem agentes de mudança.

Outro ponto fundamental é a ética do cuidado e da empatia. Jesus via além das aparências, conhecia as fragilidades humanas e respondia com misericórdia (Jo 2,25; Lc 7,36-50). Freire, por sua vez, defendeu que o ato educativo deve ser permeado por amorosidade, pois só assim se cria um espaço de confiança onde o diálogo floresce.

Para ambos, educar é um ato de coragem que exige compromisso com a vida e recusa a qualquer forma de desumanização.

Por fim, tanto Jesus quanto Freire desafiaram as estruturas de poder de seu tempo. Jesus confrontou o Império Romano e as elites religiosas judaicas, anunciando um Reino de justiça e igualdade. Freire, por sua vez, denunciou as elites brasileiras que perpetuavam a opressão através de uma educação domesticadora. Ambos pagaram um preço por sua ousadia: Jesus, a cruz; Freire, o exílio. No entanto, seus legados permanecem como faróis para uma educação que liberta e humaniza.

Em síntese, a pedagogia de Paulo Freire e o ensino de Jesus de Nazaré convergem na defesa de uma educação como ato político, ético e amoroso, capaz de despertar a consciência crítica e engajar os oprimidos na luta por sua libertação. Se Freire ofereceu as ferramentas teóricas para uma educação transformadora, Jesus exemplificou, em sua vida e mensagem, que o verdadeiro ensino é aquele que restaura a dignidade, promove o diálogo e inspira ação. Juntos, eles nos convidam a repensar a educação não como instrumento de dominação, mas como caminho de esperança e liberdade – um chamado à construção de um mundo mais justo e solidário.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOSCOLO, Gastone. *A Bíblia na História: introdução geral à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulus, 2021.

DENOVA, Rebecca. Zelotas. Traduzido por Pedro Lerbach. *World History Encyclopedia*, 10 fev 2022, https://www.worldhistory.org/Zealots/. Web. 30 jun 2025.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade***.** 24. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido***.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

GANGEL, Kenneth et al. *Manual de ensino para o educador cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GOMES, Rita Maria. *Jesus, quem é:* o messias diferente. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

PFEIFFER, Charles F.; REA, John; VOS, Howard F. (Eds.). *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

STAMPS, Donald C. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.